

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MAURO MARCOLINO CARNEIRO

FRAGILIDADE BRANCA: A RESISTÊNCIA DOS DISCENTES BRANCOS DE UM COLÉGIO PÚBLICO DE PONTA GROSSA, FRENTE A POLÍTICA PÚBLICA DE AÇÕES AFIRMATIVAS DE RESERVA DE VAGAS (COTAS) PARA NEGROS EM CURSO SUPERIOR

PRUDENTÓPOLIS

2017

MAURO MARCOLINO CARNEIRO

FRAGILIDADE BRANCA: A RESISTÊNCIA DOS DISCENTES BRANCOS DE UM COLÉGIO PÚBLICO DE PONTA GROSSA, FRENTE A POLÍTICA PÚBLICA DE AÇÕES AFIRMATIVAS DE RESERVA DE VAGAS (COTAS) PARA NEGROS EM CURSO SUPERIOR

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, do Setor de Educação da UFPR, como requisito parcial à obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof^ª.Aline Dias

PRUDENTÓPOLIS
2017

TERMO DE APROVAÇÃO

FRAGILIDADE BRANCA: A RESISTÊNCIA DOS DISCENTES BRANCOS DE UM COLÉGIO PÚBLICO DE PONTA GROSSA, FRENTE A POLÍTICA PÚBLICA DE AÇÕES AFIRMATIVAS DE RESERVA DE VAGAS (COTAS) PARA NEGROS EM CURSO SUPERIOR

Por

MAURO MARCOLINO CARNEIRO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, do Setor _____ da UFPR, como requisito parcial à obtenção do grau de especialista, sob avaliação da seguinte banca examinadora:

Departamento de _____, UFPR

Departamento de _____, UFPR

Orie
ntadora:

Prof^ª. _____ Aline Dias
Departamento de _____, UFPR

Me devolvam minhas bonecas pretas quero com
elas brincar
os jogos ingênuos de meu instinto
ficar à sombra de suas leis
recobrar minha coragem
minha audácia
me sentir eu-mesmo.
De novo eu-mesmo como eu era
ontem
sem complexidade
ontem
quando chegou a hora do desenraizamento...
eles arrombaram o espaço que era meu.

Aimé Césaire

RESUMO

Este trabalho apresenta a dificuldade que a etnia branca tem em aceitar os avanços sociais de outras etnias. A escritora estadunidense Robin Diangelo deu o nome a esse fenômeno de Fragilidade Branca. Esse conceito foi utilizado em uma pesquisa no Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas porque há uma resistência do corpo discente na questão das cotas raciais para o ensino superior. A pesquisa foi realizada no ano de 2017 com alunos e alunas dos primeiros e segundos anos. Foi utilizado um questionário com três perguntas descritivas sobre o tema cotas raciais. A fundamentação teórica foi da autora que cunhou o termo Fragilidade Branca, Robin Diangelo, do filósofo Jean Paul Sartre, da escritora brasileira Eliane Cavalleiro e do brasileiro Joel Rufino dos Santos. Nas respostas dos discentes se confirma a tese de Diangelo: os brancos se sentem acuados quando saem de sua zona de conforto. A maioria dos alunos e alunas são contra as cotas raciais porque sentem que as vagas nas universidades é um direito deles. Com esses resultados o Colégio Agrícola e a Equipe Multidisciplinar poderão planejar projetos voltados a comunidade discente onde combaterá o racismo que existe no meio dos alunos e alunas do estabelecimento. Para a disciplina de filosofia o planejamento de certos temas como o racismo utilizando Sartre será melhor entendido por alunos e alunas.

Palavras-chave: Etnias, Fragilidade Branca, Cotas raciais, Racismo.

ABSTRACT

This paper presents the difficulty that white ethnicity has in accepting the social advances of other ethnic groups. The American writer Robin Diangelo named this phenomenon White Fragility. This concept was used in a survey in the Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas (Augusto Ribas State Agricultural College) because there is a resistance of the student body in the question of racial quotas for higher education. The research was carried out in 2017 with students from the first and second years. A questionnaire with three descriptive questions on the topic racial quotas was used. The theoretical foundation was the author who coined the term White Fragility, Robin Diangelo, philosopher Jean Paul Sartre, Brazilian writer Eliane Cavalleiro and Brazilian Joel Rufino dos Santos. In the students' answers, Diangelo's thesis is confirmed: white people feel trapped when they leave their comfort zone. Most students are against racial quotas because they feel that places at universities are theirs. With these results, the Agricultural College and the Multidisciplinary Team will be able to plan projects aimed at the student community where it will combat the racism that exists among the students of the establishment. For the discipline of philosophy the planning of certain topics such as racism using Sartre will be better understood by students.

Keywords: Ethnic groups, White Fragility, Race quotas, Racism.

Sumário

| | | |
|-----|-------------------------------|----|
| 1 | Introdução | 08 |
| 2 | Procedimentos Metodológicos | 10 |
| 3 | Fragilidade branca | 11 |
| 3.1 | Conceito: Fragilidade Branca | 11 |
| 3.2 | O ambiente de convivência | 14 |
| 3.3 | Mundo a parte | 15 |
| 3.4 | Segurança racial | 18 |
| 3.5 | Autoimagem | 19 |
| 3.6 | Segregação racial | 20 |
| 3.7 | Racista é o outro | 20 |
| 3.8 | Construção da supremacia | 21 |
| 3.9 | Racismo na infância | 22 |
| 4 | Histórico do Colégio Agrícola | 24 |
| 5 | Materiais e Métodos | 25 |
| 6 | Sistematização | 25 |
| 7 | Conclusão | 33 |
| | Referências | 34 |

1. Introdução

As pessoas brancas vivem em um ambiente social que as protege do estresse baseado na raça. Este ambiente isolado de proteção racial leva as pessoas brancas a criarem expectativas de que estão seguras. É um conforto racial. Dessa maneira diminui a capacidade de tolerar o estresse racial, levando ao que é chamado pela autora estadunidense Robin Diangelo Fragilidade Branca. A Fragilidade Branca é um estado em que mesmo uma quantidade mínima de estresse racial é intolerável, desencadeando uma série de movimentos defensivos. Esses movimentos incluem a exibição externa de emoções, como raiva, medo e culpa, e comportamentos como argumentação, silêncio e deixando a situação indutora em estresse. Por sua vez, a função dessa fragilidade é restabelecer o equilíbrio racial branco. Neste trabalho pretendo discutir o tema a partir de um questionário respondido por turmas do ensino médio de uma escola pública da cidade de Ponta Grossa. O questionário é relativo as cotas raciais para a educação universitária. De 300 discentes, 9% são negros. O tema, na escola, só é relevante no dia 20 de novembro. Muitas vezes suas respostas ao tema são racistas. A intolerância aflora. Isso se confirma nas respostas do. A pesquisa foi feita com 5 turmas: 2 segundos anos e três primeiros. A pesquisa sobre essa fragilidade tem como objetivo levantar os porquês desse racismo dentro da escola pública pesquisada e introduzir o tema na disciplina de filosofia utilizando o livro de Jean Paul Sartre, Reflexões Sobre o Racismo. O estudo de Sartre tem como pano de fundo o antissemitismo – o judeu que matou Cristo, o avaro, o mal patrão – e o negro inferior, vagabundo, negligente. Figuras marginalizadas na sociedade. Robin Diangelo, em seu livro Fragilidade Branca faz um estudo explicando os medos que os brancos têm quando o negro ascende socialmente. O branco na sociedade estadunidense tem como natural sua posição social. Renda alta, bom emprego, casa, estabilidade; sua posição está garantida na sociedade. Isso é quebrado quando uma política social tenta elevar o padrão de vida de um grupo marginalizado. O branco sai de seu conforto e muitas vezes responde com violência. Utiliza todos os meios possíveis para que volte ao status anterior. No Brasil as políticas públicas de ações afirmativas demonstraram bem o que é esse desconforto. O Bolsa Família, as cotas raciais nas universidades levaram indivíduos e entidades a irracionalidade. Discursos inflamados contra essas políticas se via todo dia na mídia escrita, radiofônica e televisiva. O desconforto levou a um golpe de estado em 2016. Contrariando os estabelecidos, como Norbert Elias iria se referir aos brancos, os outsiders, os

negros, foram à luta e conquistaram espaços paulatinos – cotas nas universidades, concursos públicos. Nesse trabalho será utilizado o livro *Fragilidade Branca* de Robin Diangelo – o estresse causado aos brancos com o mínimo de avanço social de outras etnias; o livro *Racismo e Antirracismo na Educação* de Eliane Cavalleiro – a organização do cotidiano escolar em presença do preconceito e racismo no chão da escola; Norbert Elias e John Scotson autores do livro *Os Estabelecidos e os Outsiders* – quando pessoas de uma mesma classe social e mesma etnia são marginalizadas por grupos que já tem seu espaço geográfico definido; o livro *Culturas Africanas e Afro-brasileiras em Sala de aula* de Renata Felinto – debate da Lei 10.639/03 e a invisibilidade do negro na história do Brasil; o livros de Jean Paul Sartre *Reflexões sobre o Racismo* – o antissemitismo do povo francês e o estupor do colonizador frente as reivindicações dos negros. O trabalho é composto inicialmente pela justificativa, objetivos e métodos; de um referencial teórico onde contém o debate sobre a fragilidade branca, o racismo na educação, a não aceitação dos novos no espaço geográfico estabelecido, debate sobre a Lei 10.639/03 e antissemitismo e reivindicações da etnia negra em uma sociedade com poder branco.

2. Procedimentos Metodológicos

O Colégio Estadual Agrícola Augusto Ribas – Ponta Grossa, PR – é composto por 9 turmas de ensino médio. São três turmas de 1º ano, três de 2º e três de 3º. Os alunos e alunas do colégio são oriundos das escolas públicas e privadas do município de Ponta Grossa e cidades dos arredores; vindos das várias nuances de classes. São majoritariamente de peles não negras, sendo, dos 300 discentes, 9% de pele negra.

Percebe-se nas brincadeiras dentro de sala de aula e fora entre os alunos e as alunas um racismo, algumas vezes velados, outras vezes explícito. O racismo explícito aparece quando políticas públicas de ações afirmativas vem à tona, principalmente as cotas nas universidades. No dia a dia do colégio não há debates sobre o tema racismo. O assunto só vem à tona no dia 20 de novembro – dia da consciência negra. Obedecendo a Lei nº 12.519 a gestão escolar comemora o dia como folclore, não como um dia de debates sobre a condição do negro, da negra na sociedade.

Esse trabalho trata desse desconforto que o tema cotas provoca nos discentes. Através de um questionário aplicado as três turmas de primeiros anos e duas turmas de segundos anos, tenta-se diagnosticar essa fragilidade, o medo que sentem da competição por vagas nas universidades. Para compreender melhor o problema será utilizado alguns autores que escreveram sobre o tema – Jean Paul Sartre, Robin Diangelo, Norbert Elias, Renata Felinto.

Dessa maneira esse trabalho vem contribuir para o debate dentro da disciplina de filosofia e afins. Esclarecer o tema no interior do colégio e propor políticas internas na instituição alertando para o problema racismo e não deixar que o tema seja folclórico e debatido apenas no dia 20 de novembro. Se possível implantar políticas de sensibilização e posteriormente erradicar o racismo que existe nas relações internas ao colégio.

Com esse trabalho pretende-se abrir o debate sobre o racismo que há contra os negros entre os discentes no Colégio Estadual Agrícola Augusto Ribas em Ponta Grossa. Os porquês da fragilidade dos alunos e alunas não negras as cotas das universidades a etnia negra. Para que haja políticas antirracistas no interior da escola foi feito um questionário ao corpo discente onde ao final desse trabalho foi analisada as respostas. Ao final foram utilizados gráficos com os resultados dos dados levantados.

3. Fragilidade Branca

Robin DiAngelo é uma pesquisadora estadunidense cujo objeto de estudo são as relações sociais étnicas. Em suas pesquisas ela cunhou a expressão fragilidade branca. Essa expressão se refere as pessoas brancas que vivem em um ambiente social que as protege do estresse baseado na cor. O ambiente social cria um arcabouço de proteção como observa Sartre (1965, p. 22 e 23):

Quase não encontramos o antissemitismo entre os operários ... a classe operária pensa sinteticamente a situação social ... Não divide os conjuntos segundo os dados técnicos, mas segundo as funções econômicas. A maioria dos antissemitas encontram-se, ao contrário, nas classes médias, isto é, entre os homens que dispõem de um nível de vida igual ou superior ao dos judeus, ou, se se prefere, entre os *não produtores* (patrões, comerciantes, profissões liberais, transportes, parasitas).

Dessa maneira são criados os grupos sociais que se destacam por alguma ação dentro de um nicho ambiental: bairros de ricos, clubes de ricos, partidos de ricos. Na outra ponta está o pobre: favela, serviços subalternos, escolas.

3.1 Conceito: Fragilidade Branca

A Fragilidade Branca, segundo DIANGELO, 2017, é um estado de estresse racial que não permite qualquer mudança no status quo. Qualquer política que altere as relações de poder na sociedade relacionada a questão étnica, ativa um gatilho de movimentos defensivos. As emoções afloram; a raiva, o medo, a culpa, são indutores de estresse. Esses comportamentos visam restabelecer o equilíbrio racial branco. Sartre (1965, p. 30), descreve esse comportamento contra os judeus com destruidor e sádico, o antissemita é um criminoso. O que ele deseja o que ele prepara, é a morte do judeu.

No questionário respondido pelos alunos e alunas do colégio Agrícola o discurso defensivo ficou claro em algumas respostas – *Em meu ponto de vista acho desnecessário, apesar de um branco rico “ter mais oportunidades que um preto/negro pobre”, ao contrário também pode acontecer o “branco pobre” ter menos oportunidade que um “rico negro”.* Com relação as cotas elas não deveriam ser por crença, raça ou etnia, deveria ser por condição social e financeira. Outra – *Sinto-me prejudicado e as vezes até injustiçado, pois*

não acho certo que só por ser uma pessoa de “cor” diferente da minha ela deveria ter menos competidores por uma vaga.

Nessa sociedade ser branco acumula privilégios e status. Há proteção e benefícios da dúvida. A brancura repele muitos problemas em relação a pele negra: violência, salários, educação. O ambiente faz com que haja privilégios para quem possui a pele branca, dessa maneira é criada expectativas de conforto racial, de outro lado baixa a capacidade de tolerar o estresse racial. Para Santos (1980, p. 33), fica mais claro na sociedade estadunidense:

Sendo a *divisão mundial do trabalho* apenas a ampliação do que acontece dentro de cada país desenvolvido, há, no seu interior, ricos e pobres, *classes-patroa* e *classes-empregadas*. A *linha de cor* ajuda, então, a marcar as diferenças: brancos em cima, de cor embaixo. Nos Estados Unidos é fácil constatar esta superposição de classe e raça, desde os estratos mais altos (descendentes de irlandeses) até os mais baixos (negros, porto-riquenhos, latino-americanos em geral), passando pelos intermediários de *ianques* (descendentes de ingleses), judeus, eslavos, etc., que constituem a classe média.

Os códigos utilizados na sociedade nunca dizem que o branco é privilegiado. Sempre se refere ao negro como o coitado, o deseducado, isso reafirma a hegemonia branca. Esta linguagem codificada racial reproduz o racismo. Os brancos dizem que não há problemas com eles, quem tem problemas são os negros. Isso ocorre porque no ambiente social familiar ou a sociedade como um todo, isola e protege os brancos como um grupo através de instituições, representações culturais, livros escolares, filmes, publicidade, discursos dominantes. A brancura define o racismo que abrange estruturas econômicas, políticas, sociais e culturais, ações e crenças que sistematizam e perpetuam uma distribuição desigual de privilégios, recursos e poder entre brancos e pessoas de cor. Esta distribuição desigual beneficia os brancos e as desvantagens das pessoas de cor em geral e em grupo. De acordo com Santos (1980, p. 33):

... o capitalismo mais desenvolvido inventou o “exército de reserva”: sobra permanente de mão-de-obra que permite aos empresários pagar aos trabalhadores o menos possível... Ora em países que abrigam várias “raças” – como a Inglaterra, a França, a Alemanha, a Austrália, a Argentina, etc. – este “exército de reserva”, encolhido e miserável, é sempre de cor. É nele que se recrutam lavadores de privadas, varredores de rua; guardas de segurança para executivos e políticos importantes; lutadores de boxe; prostitutas; *proxenetas*¹; *bóias-frias*² em época de colheita; e operários eventuais para substituir grevistas despedidos como punição.

¹ Um **proxeneta**, vulgarmente conhecido por **cafetão** ou **rufião** no Brasil e por **chulo** em Portugal, é alguém que pratica o proxenetismo, ou seja, procura e administra clientes para uma prostituta, além de facilitar a sua prostituição, seja em bordéis ou na prostituição de rua, de modo a ganhar uma parte de seus rendimentos. (wikipedia)

² Bóias-frias: trabalhadores diaristas da roça, chamados assim porque levam marmitas para o trabalho. Em geral não tem salário nem direitos iguais aos de outros trabalhadores. (Santos, p. 34)

Santos (1980, p. 34), continua explicando que no Brasil:

... o “exército de reserva” está por toda parte. Nas rodoviárias, com seus sacos sujos às costas, na *Baixada Fluminense*³, com seus peitos nus à mostra; nas feiras do Nordeste, agachados à espera de “trabaio”; nas filas dos ônibus, os filhos esqueléticos esmolando uns centavos. O Brasil é uma grande feira de trabalhadores baratos, invariavelmente de cor.

As diferenças do poder entre brancos e negros vem de longe, é normalizada e inserida no tecido social. Dessa maneira o racismo muitas vezes não é percebido na educação. Os brancos dessa maneira são privilegiados dentro de uma estrutura educacional. A branquitude significa um conjunto de locais produzidos socialmente, politicamente e culturalmente, dessa maneira a dinâmica de dominação se perpetua. Diangelo (2017) afirma que a branquitude é dinâmica, relacional e operacional em todos os momentos e em vários níveis. Esses processos e práticas incluem direitos básicos, valores, crenças, especulações e experiências que comumente são compartilhadas por todos, mas que são na verdade, apenas de forma consistente para pessoas brancas. Assim os resultados do estresse racial provêm de uma variedade de fontes (Diangelo, 2017):

- Sugerir que o ponto de vista de uma pessoa branca vem de um racializado quadro de referência (desafio à objetividade);
- Negros falando diretamente sobre suas perspectivas raciais (desafio a códigos raciais brancos);
- Negros que escolhem não proteger os sentimentos raciais de pessoas brancas no que diz respeito à etnia (desafio às expectativas raciais brancas e necessidade / titulação do conforto racial);
- Os negros não estão dispostos a contar suas histórias ou a responder a perguntas sobre suas experiências étnicas (desafio às relações colonialistas);
- Um colega branco não concorda com as interpretações de alguém (desafio solidariedade branca);
- Recebendo comentários de que o comportamento de alguém teve um impacto racista (desafio para liberalismo branco);
- Sugerir que a associação do grupo seja significativa (desafio para indivíduos dualista);
- Um reconhecimento de que o acesso é desigual entre os grupos étnicos (desafio sentido da meritocracia);
- Ser apresentado com uma pessoa negra em uma posição de liderança (desafio autoridade para autoridade branca);
- Ser apresentado a informações sobre outros grupos étnicos através de, para exemplo, filmes nos quais pessoas negras dirigem a ação, mas não estão em papéis estereotipados ou educação multicultural (desafio para teatralidade).

Em sociedades onde o branco é dominante em variados setores não houve necessidade de desenvolver habilidades cognitivas ou afetivas ou desenvolver ao status quo. Bourdieu (2009) desenvolveu o conceito de habitus, que é uma subjetividade socializada; um conjunto de disposições que geram práticas e percepções. Como tal, habitus só existe no interior do ser; nas práticas e interação uns com os outros e com o resto de seu meio

³ Assim ficou conhecido o Grande Rio – Caxias, Nova Iguaçu, Belford Roxo, Nilópolis. Tem baixíssimo nível de renda e está entre as regiões mais violentas do mundo. (Santos, p. 34)

ambiente. O ser baseado em suas condições e experiências produzem o seu meio, a sua vivência. O habitus produz e reproduz pensamentos, percepções, expressões e ações. Em resposta ao "desequilíbrio" no habitus, as estratégias não são baseadas em intencionalidade científica, mas resulta de disposições inconscientes para a prática e depende da posição de poder que o agente ocupa na estrutura social. A Fragilidade Branca pode ser conceituada como um produto do habitus, uma resposta ou "Condição" produzida e reproduzida pelo contínuo avanço social e material. O privilégio branco pode ser considerado como um equilíbrio racial instável ao nível do habitus. Quando ocorre alguma das fontes desencadeantes citadas acima (desafios no habitus), o desequilíbrio resultante torna-se intolerável. Esse desequilíbrio acessa o gatilho emocional da resistência/privilégio e procura restaurar os recursos perdidos. Alguns fatores que detonam o gatilho da Fragilidade Branca serão debatidos abaixo.

Nesse ponto já se pode entender esse medo das pessoas brancas em perder espaço na sociedade para pessoas diferentes. Sartre (1965, p. 32), compreende o antissemita:

Estamos, agora, em condições de compreender o antissemita. É um homem que tem medo. Não dos judeus, certamente: de si próprio, de sua consciência, de sua liberdade, de seus instintos, de suas responsabilidades, da solidão, da modificação, da sociedade e do mundo; de tudo, salvo os judeus. É um covarde que não quer confessar sua covardia; um assassino que recalca e censura sua tendência ao homicídio sem poder refreá-la e que no entanto, só ousa matar em efígie ou no anonimato de uma multidão; um descontente que não se atreve a revoltar-se por receio das consequências da sua revolta.

A mudanças na sociedade seja de ordem política, cultural ou uma reserva de vaga mexe com as estruturas do racista. Assim o que era uma revolta pode levar ao ódio, ao homicídio.

3.2 O ambiente de convivência

Diangeli, 2017, afirma que a Fragilidade Branca pode ser levada pelo fator da redoma em que os brancos vivem. Branco convive com branco. Mesmo que os brancos vivam próximos a negros, há uma segregação na representação e na informação que chega ao grupo. Essas informações são selecionadas, não havendo quase nada sobre racismo, dessa forma não há formação crítica sobre o assunto. Os brancos são separados dos negros pela cor de sua pele. Santos (1980, p. 34), explica que a cor da pele não foi uma invenção do capitalismo, nem de sistema algum:

Foi produto das diferentes condições ecológicas que o homem encontrou na sua dispersão pelo planeta. Mas prestou ao capitalismo um inestimável serviço, separando, neste fantástico mercado em que se compra e vende mão-de-obra, a mercadoria de primeira da de segunda (mais ou menos como fazem os vendedores de tomate: os melhores, 80; os piores, 50).

Quando se cresce em um ambiente segregado, como escolas, no trabalho, no bairro, informações da mídia, os assuntos de interesse são os relativos aos brancos. Os problemas das outras etnias não entram no debate do dia a dia. Assim as decodificações das informações recebidas ficam distorcidas em relação ao outro. Escola boa, bairro bom, boa vizinhança são quando os pares são parecidos com a cor branca. A relação do bom fica identificada com o branco, pois não há o contraponto negro. A mensagem fica internalizada e fica diariamente reforçada através de discursos da escola boa, do bairro bom.

3.3 Mundo a parte

Branco são ensinados e educados a ver o mundo sobre sua perspectiva e realidade. A cultura, a representatividade de mundo é a norma, portanto veem-se como seres humanos universais que representam toda a experiência humana (Diangeli, 2017). O mundo foi construído por eles, portanto lhes cabe em qualquer ação sua transformação. Essa identidade ou localização não socializada tapam seus olhos. É uma espécie de cegueira. Uma incapacidade de que qualquer ação terá impacto na vida de outras pessoas. Não percebem que brancos são apenas pessoas. Nessa construção, os brancos representam a humanidade, enquanto os negros, nunca são pessoas. Dessa maneira o racismo não é produto de mentes desequilibradas afirma Santos (1980, p. 35), nem existiu sempre, ou existirá sempre:

Os racistas têm naturalmente interesse em definir o racismo como uma característica da “natureza humana”; como a “natureza humana” é imutável, o racismo, por consequência, jamais desaparecerá. O racismo é um dos muitos filhos do capital, com a peculiaridade de ter crescido junto com ele.

O discurso do universalismo declara que todos são iguais, todos são seres humanos, mas quando aplicado ao racismo, nega as vantagens dos brancos sobre outras etnias. O universalismo pressupõe que brancos e negros têm as mesmas realidades, que as mesmas portas estão abertas a todos. Para Santos (1980, p. 35), o discurso é verdadeiro, mas não basta:

O racismo está depositado no mais fundo da cabeça dos homens – assim como certas sementes que resistem às mais violentas mudanças de temperatura e, subitamente, voltam a brotar. Há nele uma dose de irracionalismo que nenhum sistema social, até hoje, foi capaz de liquidar.

Se o branco se sente a vontade na sala de aula branca, então o negro também deve se sentir. Se há reconhecimento de racismo conferido aos brancos em uma sociedade o universalismo é desafiado em suas reivindicações. Quando os brancos se veem representados pela ótica universalista, eles acabam valorizando o individualismo. Dessa maneira se sentem individuais em detrimento de um grupo socializado. A história do grupo se esconde na visão individualista. Como os brancos acumularam riquezas durante séculos e se beneficiam até os dias de hoje se oculta na individualidade. Permite uma autovisualização de único e original fora da socialização. O individualismo faz com que os brancos se distanciem das ações de seu grupo. Dessa maneira o branco até reconhece que existem maus brancos, mas ele só interage com os bons (DIANGELO, 2017).

A ideologia do individualismo leva os brancos a responder defensivamente muitas vezes. Ou podem responder com o mais escandaloso racismo. Segundo Santos (1980, p. 36) o racismo mais descarado e escandaloso aconteceu no regime nazi-fascista alemão (1933-1945):

Juntaram-se naquele fantástico caldeirão todos os ingredientes conhecidos vulgares, velhos de séculos ou recém-fabricados pela propaganda política; prejuízos científicos avalizados por pensadores de ultradireita; extermínios em massa de criaturas indefesas.

Se são vinculados a outros brancos em um grupo ou acusados de se beneficiar coletivamente do racismo de defender remetendo ao outro branco mau. Cada pessoa branca é diferente da outra e espera que seja reconhecida e vista como tal. O branco se vê como o melhor, mas não é necessariamente o resultado de uma crença consciente de que um branco seja melhor do que o outro. É o resultado do isolamento racial branco como cultura dominante. Isso impede que veja ações significativas de outros grupos raciais.

Quando os brancos são acusados de racismo utilizam um discurso aparentemente contraditório para sua defesa – somos todos únicos ou somos todos iguais. Esse discurso nega os privilégios branco e o significado de raça. No Brasil a ideia de que aqui não temos desse problema está profundamente arraigada na cabeça da população, como afirma Santos (1980, p. 42):

É comum, também, encerrarmos uma conversa sobre violência no mundo com uma frase imbecil: “Ainda bem que aqui não acontece nada disso”, enquanto do lado de fora das nossas janelas morrem, em assaltos e choques com a polícia, mais pessoas por dia que no apogeu da guerra do Vietnã. Convido as pessoas que ainda creem na “democracia racial brasileira”, na “cordialidade inata do brasileiro”, e balelas e tais, a prestarem um pouco mais de atenção à sua volta: os jornais noticiam, em média, dois casos de discriminação racial por mês; e dois casos de tortura por dia. Considerando que os jornais não apanham sequer um centésimo dos casos de fato ocorridos, nenhum brasileiro tem do que se orgulhar nesses aspectos. Pretinhos, baianinhos, paraibinhas, índios, caboclos, jovens judeus, moças japonesas estão, nesse exato momento, sofrendo alguma espécie de maltrato pelo simples fato de não

pertencerem à maioria branca; e há, neste exato momento, em qualquer delegacia de bairro um pau-de-arara⁴ à espera de uma criatura humilde que caia na suspeita da polícia.

Culturalmente, os brancos, sendo um individual ou estando fora de um grupo racial é um privilégio só permitido a eles. Vendo um negro nesse contexto, ele só é visto como raça e descrito em termos raciais – o homem negro -, o branco raramente é visto dessa maneira, não são racializados. Os indivíduos brancos psicologicamente não carregam esse peso de raça em uma sociedade racializada. Raça e racismo é problema do outro, não dos brancos. Quando são desafiados para os temas se tornam questões indesejáveis para o sistema. Para Santos, 1980, “o mito da democracia racial é uma forma brasileiríssima, bastante eficaz, de controle social”. Santos continua: “Nos Estados Unidos o negro tem uma pistola apontada para sua cabeça; no Brasil, ela está apontada para as suas costas. Para quem segura a pistola, a segunda situação é, sem dúvida, mais cômoda”.

Quando a raça é tomada como fator organizador de uma sociedade, não há respeito nas relações. A dominação de uns sobre os outros é oportunizada pelo capitalismo, pois sem isso a distribuição dos recursos sociais e o privilégio branco seriam muito evidentes. No Brasil, afirma Santos (1980, p. 50), que:

Até, cerca de 1900 nossa sociedade girou na órbita da grande fazenda, os espíritos dos coronéis da roça pairando sobre tudo. Encima uma “esmagadora minoria” de latifundiários, embaixo uma multidão de escravos e servos, no meio uma insignificância de “classe média”. Os lugares estavam marcados ao nascer: os de cima eram sempre brancos; os de baixo, de cor.

O discurso do trabalho árduo e da virtude cai por terra pela existência de desigualdades estruturais. A desigualdade em uma sociedade deve ser escondida ou justificada como resultado do esforço pessoal. O individualismo branco realiza a tarefa de ocultar essa realidade. A identidade branca é desestabilizada quando a meritocracia é desarticulada. Ficam nus quando a realidade é imposta – necessitam do outro para que possam subir.

⁴ Instrumento de tortura inventado pela polícia brasileira. Consiste num pau apoiado em dois cavaletes no qual a pessoa é amarrada pelos tornozelos e pulsos, o tronco para baixo, ficando a mercê do torturador. Santos (1980, p. 43)

3.4 Segurança racial

Os brancos em sua posição dominante são quase sempre raciais. Desenvolveram expectativas e modos para permanecerem assim (DIANGELO, 2017). Não necessitaram lutar para ficar no ápice social. Não precisaram construir tolerância para o desconforto racial, assim não tiveram problemas psíquicos. Quando saem de seu conforto social agem como se algo estivesse errado. O culpado desse desconforto é a pessoa – geralmente negra – ou o evento desencadeante do processo. A culpa fará com que haja uma série de contra movimentos sociais que irá atacar o desconforto. A ofensiva penalizará, retaliará, isolará o opositor. Esse conforto branco assegura que o racismo não será enfrentado. A insistência desse comportamento funciona como punição para aqueles que quebram códigos brancos de conforto. Esse conforto é confundido com segurança. Dessa maneira a história de brutalidade dos brancos contra os negros, seja banalizada. A realidade é encoberta pela certeza da impunidade. O branco não pensa a forma complexa que é o racismo. A segurança social, de dominância faz com que seja amortecida as sequelas que ficaram com os negros nesses séculos de subserviência de raça. Elias (1994, p. 20) descreve esse sentimento de superioridade e a separação de grupos de uma mesma classe social, onde grupos se sentem superiores aos outros em uma pequena cidade da Inglaterra:

Essa é a autoimagem normal dos grupos que, em termos do seu diferencial de poder, são seguramente superiores a outros grupos interdependentes. Quer se trate de quadros sociais, como os senhores feudais em relação aos vilões, os “brancos” em relação aos “negros”, os gentios em relação aos judeus, os protestantes em relação aos católicos e vive versa, os homens em relação às mulheres (antigamente), os Estados nacionais grandes e poderosos em relação a seus homólogos pequenos e relativamente impotentes, quer, como no caso de Winston Parva, de uma povoação de classe trabalhadora, estabelecida desde longa data, em relação aos membros de uma nova povoação de trabalhadores em sua vizinhança, os grupos mais poderosos, ..., veem-se como pessoas “melhores”, ..., superiores, ...

A união dá segurança ao grupo estabelecido. Todas as benesses são construídas para um grupo. Qualquer mudança fará com que o grupo a rejeite porque estará mexendo em seu *status quo*.

3.5 Autoimagem

Ideologicamente, o racismo, traz imagens positivas do branco, enquanto que o outro é visto como negativo. Bernd (1997, p. 13) descreve os chavões que constroem os estereótipos que reforçam o racismo:

... toma-se como verdade universal algo que foi observado em um só indivíduo. Conhece-se um gordo preguiçoso, um judeu desonesto, um italiano pão duro, um negro inculto, por exemplo, e se generaliza, afirmando que “todo gordo é preguiçoso”, “todo judeu é desonesto”, “a avareza é inerente ao italiano”, “todos os negros têm condições intelectuais inferiores às dos brancos”. A construção da estereotipia pode se dar por ignorância ou quando há um objetivo não confessado de alguém em dar como sendo verdadeiro algo que é falso, com a finalidade de tirar proveito da situação.

Branco só tem direitos, é a autoimagem que fazem de si. É autopropetuação do direito. Acreditam que seu sucesso financeiro e profissional é resultado de seu próprio esforço, nunca dependeram de ninguém para seu sucesso. Ignoram que ser branco em uma sociedade racista é privilégio. Na escola não sofrem com o racismo. Não necessitam pensar sobre o racismo ou discurso sobre o tema. A compreensão do racismo para o branco é limitada. Isso ocorre porque há benefícios sociais do domínio branco. Esse domínio leva a uma arrogância racial. Consideram que negros não tem capacidade para aprender como os brancos tem. É uma maneira de reservar espaços para a branquitude, é uma reserva que não está na lei, mas que culturalmente é aceitável, até para os negros. Os brancos não estão propensos ao debate sobre as consequências do racismo na sociedade. Não interessa informações sobre o racismo. Não há humildade de reconhecer que não conhecem sobre o tema. Não se informam. Não se informando reforçam mais o racismo na sociedade. Esse domínio social, econômico e político branco levam a legitimação de ações racistas. A arrogância, aliada da necessidade do conforto racial, leva os brancos a ter um discurso que os negros é que levam ao racismo ou são racistas em relação aos brancos. Nesse ponto o negro começa a copiar atitudes dos brancos para que sejam aceitos nessa sociedade. Isso é até comum na sociedade estadunidense, como descreve Cavalleiro (2001, p. 22), que para ser americano tem que ser branco, dessa maneira ouve-se os negros e outros grupos étnicos não brancos dizerem: “Você tem que jogar fora sua etnia para ser americano”. Uma outra maneira de se defender do racismo é colocar a culpa no outro branco. São pessoas individuais que são racistas não os brancos como um todo.

3.6 Segregação racial

DiAngelo (2017), afirma que pessoas brancas tem um sentimento de pertença a sociedade em que vivem. Explica que esse sentimento é incorporado na cultura em geral. Os brancos se veem refletidos em tudo a sua volta – os heróis, os padrões de beleza, professores, livros didáticos, memória histórica, mídia, iconografia religiosa, deus inclusive. Toda representação na sociedade é remetida aos brancos. É uma sensação de pertencimento. Tudo aos brancos, aos negros nada. Ruffato (2009, p. 11) descreve como a sociedade brasileira trata os negros e o local destinado a esses:

O pequeno número de autores afrodescendentes inscritos no cânone brasileiro – Machado de Assis (1839-1908), Cruz e Souza (1861-1898), Lima Barreto (1881-1922) – já é uma clara evidência do lugar destinado ao negro em nossa sociedade. Sem acesso à educação e acantonados no limiar da miséria, os afrodescendentes não se constituíram como cidadãos; impedidos de agir como sujeitos da própria história, sucumbiram, pela força da opressão, a meros coadjuvantes da construção de uma identidade nacional.

Os negros são considerados pessoas de segunda categoria, principalmente no Brasil. Quando se tem uma política pública voltada a eles, como as cotas nas universidades, desestabiliza os brancos. A universidade é considerada de pertença racial branca. A segregação racial é uma escolha dos brancos. Vivem, trabalham, jogam nessa segregação. As cotas é uma política onde os brancos se sentem desconfortáveis, agitadas, chateadas. Em resposta a sensação de perda leva a ansiedade porque não sabem o que está acontecendo com os negros. Dessa maneira procuram as boas escolas, os bairros bons onde não tenha negros. A segregação não é significativa até que seja deliberada – a partir desse momento vamos nos separar por raça, por cor, nem que seja por um curto espaço de tempo. É um desejo intencional onde se mantém uma frágil identidade racial.

3.7 Racista é o outro

Os brancos não suportam a questão social da raça. A construção da raça é para negros. Assim eles podem se mover facilmente nessa sociedade sem cerceamento. Como os espaços

brancos são os “puros” devido a não portadores de raça – os que tem “raça” poluem os que não são “racializados”. Isso é percebido na declaração de alunos do Colégio Agrícola quando afirmam que estudaram em bons colégios e não precisam de cotas de escola pública ou racial. Esses espaços brancos não debatem o racismo porque não sofrem a ação racista de nenhum grupo. Como não pensam sobre raça ou racismo não recebem nenhuma penalidade por isso. Os brancos constroem seu espaço para que ninguém de outro grupo passem a linha dessa construção como afirma Ruffato (2009, p. 31):

Sabemos que as várias instâncias de poder se imbricam entre si, como vasos comunicantes, o que permite às classes detentoras e próximas do poder político-econômico serem, elas mesmas, produtoras, mantenedoras, divulgadoras e consumidoras de seus produtos culturais. Executando movimentos autocentrados, ignoram, menosprezam, deslegitimam modos de saber nascidos em espaços diferenciados dos seus.

Dessa maneira os grupos negros ficam permanentemente em alerta contra grupos racistas brancos. Os brancos ficam mais a mercê de outros brancos do que de outras etnias. Aqueles que estão em posição social melhor ignoram aqueles brancos que estão na sociedade em situação menos favorável. Se afastam de locais onde esses brancos frequentam, principalmente dos bairros. Eles ficam libertos do peso social da raça. Não pensam na questão da raça porque isso é um problema dos negros. Os libertam de uma energia psicológica para se dedicarem a outros assuntos, a outros problemas que não sejam os raciais.

3.8 Construção da supremacia

Os brancos vivem em um contexto onde são dominantes, dessa maneira só recebem mensagens onde eles são mais importantes que os negros. As mensagens operam de várias maneiras; em múltiplos níveis de transmissão – nos livros didáticos, nas representações históricas. As crianças negras convivem com a discriminação desde as primeiras séries, como confirma Cavalleiro (2001, p. 102):

Desde a década de 1980, alguns pesquisadores se debruçaram no levantamento dos conteúdos discriminatórios presentes nos livros didáticos e sua influência na formação de crianças e adolescentes, por se constituírem, muitas vezes, o único instrumento de leitura escrita para aqueles. Nesses trabalhos foram levantados vários estereótipos atribuídos aos negros, colocando-os numa posição de inferioridade aos brancos, dos quais destacamos: a) as imagens de mulheres negras sempre caricatas, com lenço na cabeça, brinco de argolas e traços animalizados; b) as mulheres negras eram sempre “cuidadoras”, sem família, numa brutal referência à “ama-de-leite”; c) quanto ao trabalho, apareciam associados a atividades não-

qualificadas (pedreiros, domésticas, etc.); d) a invisibilidade da população negra, pois, apesar de representar 44% da população, em meio a multidões aparecia apenas um negro; e) os negros como sinônimo de escravos. Em contrapartida, os valores inversos, positivos, eram atribuídos aos brancos.

Os brancos têm sua centralidade na mídia e publicidade. Nas capas de revistas é raro encontrar pessoas negras. Os professores em sua maioria são brancos. Heróis, heroínas são brancos. O bom vizinho é representado como branco. Os programas de TV populares têm sua centralidade em brancos. Na religião, deus, Adão e Eva e figuras-chaves são brancas. Ou seja, tudo que é positivo para a sociedade tem sua centralidade no branco. O negativo, o ruim é de outra cor. No filme *Vazante* (2016), de Daniela Thomas reconstitui o interior do Brasil de 1821. Tudo é perfeito no filme, a fotografia, as locações, as roupas, atores estrangeiros, referências iconográficas precisas, locações cuidadosamente escolhidas. No entanto confirma Cavalleiro: o negro aparece em quase todo o filme, só que é um negro sem nome, invisível.

3.9 Racismo na infância

O racismo é construído em tenra idade. As ideias racistas, a superioridade branca se desenvolve ainda na pré-escola. Crianças nascidas em sociedades com supremacia branca têm tendências morais construídas com a visão de mundo dos pais. Assim essas crianças têm dificuldades de enfrentar situações que as desafiam racialmente. Elas não experimentam as tensões raciais e não compreendem seu papel contemporâneo (DiAngelo, 2017). Quando essas crianças se tornam adultas podem ser contra o racismo. Negam seus privilégios de base racial. Isso é contraditório, porque a objeção moral ao racismo aumenta a resistência branca de reconhecer que é uma sociedade racista. As crianças copiam tudo ao seu redor. Segundo Medina (2017), as crianças repetem o que os pais e irmãos mais velhos fazem:

As crianças pequenas copiam e repetem frases, gestos, brincadeiras e condutas sem parar. É sua maneira de aprender. Absorvem e imitam tudo o que veem e ouvem, e qualquer um pode se tornar um modelo a seguir. Por isso os pais devem se preocupar muito que seus filhos tenham um exemplo e modelo adequado em qualquer ambiente onde estejam e nas suas relações sociais.

Essas crianças se vivem em sociedades onde a supremacia branca impera, elas provavelmente serão racistas. Pode ser que elas tenham tolerância e aceitação racial mesmo que superficial. Mesmo os brancos que se declaram liberais aceitam sem questionar algum tipo de racismo. Nesse quadro eles escolhem quando, onde desafiar o racismo. Na maior parte da vez utilizam o discurso da autodefesa para não enfrentar o racismo. Dessa maneira se

defendem quando são atacados não necessitando reconhecer culpa ou prestar contas a alguém. São capazes nesta defensiva de reconhecer os privilégios dos brancos. Quando o discurso de auto defesa é utilizado por brancos eles se posicionam como vítimas, que agem assim para serem atacados. O discurso de vitimização permite também que os brancos evitem a responsabilidade do racismo e o privilégio de raça. Alegam que são tratados de forma injusta porque lutam para que acabem as injustiças sociais relacionadas aos negros. Outras vezes invertem e dizem que os negros que se vitimizam. Para Carvalho (2015), os brancos acusam os negros, mas fecham os olhos para a realidade:

Quem nunca ouviu: “Vocês negras/negros se vitimizam sim. Nós somos todos iguais!”? Se para a sociedade essa igualdade é verdade, alguém avisa isso para a polícia, que eu acho que ela não entendeu, afinal 73,83% da população carcerária é negra. O que gera uma proporção de 11 presos negros, para um 1 branco. E porque será que há tantos pretos presos? Racismo!?! Claro que não! É vitimismos! Nós, pessoas negras, temos uma compulsão por sermos vítimas, por isso até pedimos para que os policiais nos prendam, nos deem enquadrões e nos batam.

Essa inversão foi demonstrada nas respostas dos alunos e alunas do Colégio Agrícola onde várias respostas demonstram que o negro se faz de vítima. Alguns entendem que os negros são vítimas do sistema, por isso são necessárias as cotas, que até são justas desde que não tomem sua vaga na universidade. Alguns reagiram mal antes de responder o questionário. Reagiam como se as vagas da universidade já lhes pertencessem antes do vestibular. A fragilidade branca distorce e perverte a realidade. Ao utilizar termos que conotam violência física, os brancos exploram o discurso que outras pessoas que não são do seu meio, principalmente os negros, são perigosos e violentos. O discurso empregado pelos brancos tem uma história de violência institucionalizada que justificaram a escravidão, o genocídio, linchamento, a esterilização forçada contra os negros. Com esse discurso são autorizadas e normalizadas formas de controle e domínio sobre a população negra. A supremacia branca se impõe porque há uma dominação cultural. A perspectiva branca é escrita e reinscrita como universal. Daí é que surge a ideia de que brancos não se envolvem com questões raciais, essa negação garante a desinformação racial que circula na cultura e garante o racismo sempre no mesmo lugar.

4. Histórico do Colégio Agrícola

O Colégio Estadual Agrícola “Augusto Ribas” - Ensino Médio e Profissional foi fundado em 17 de Setembro de 1937, pelo Interventor Manoel Ribas, com a denominação de Escola de Trabalhadores Rurais.

A criação deste estabelecimento esteve atrelada a questões de cunho social, no final dos anos 36 e início de 37, o número de crianças e adolescentes considerados desfavorecidos economicamente aumentava, requerendo iniciativas sociais. Assim, o projeto de criação de um local específico para atendimento dessa demanda veio a ser concretizado em 13 de dezembro de 1937, através do decreto nº 7.782/38. A instituição inicialmente era mantida pela Escola de Trabalhadores Rurais.

No ano de 1944, a instituição passou a ofertar o curso de Ensino Rural completo, com duração de três anos. A certificação ao final do curso era de Lavrador. Também ofertava o curso primário.

Após 12 anos, nova reestruturação ocorre na instituição, através da Lei orgânica do Ensino Agrícola, o qual passou a ofertar em 1956, o curso de Iniciação que era equivalente a 5º e 6º série, hoje séries finais do ensino fundamental, e o de Mestria Agrícola que corresponde às séries finais do ensino fundamental. Na época o ensino agrícola era subordinado a Superintendência do Ensino Agrícola e Veterinário.

Em 1960, foi autorizado o funcionamento da Escola Agro- técnica Augusto Ribas, através do decreto nº 27925 de 12 de janeiro de 1960. A instituição passou a ofertar os cursos de Técnico em Agricultura e Técnico em Zootecnia. Estes dois cursos equivaliam ao antigo ensino de 2º grau, hoje atual ensino médio profissional.

As bases curriculares para os estabelecimentos subordinados à Secretaria da Agricultura foram publicadas no Diário oficial nº 131/62, cujas orientações estavam atreladas a Lei 4024/61.

As escolas de trabalhadores rurais passam a ser Colégios Agrícolas após 1962.

Em 1962, a Escola Agro-técnica de Ponta Grossa passou a ser denominada de Colégio Agrícola Augusto Ribas, ano em que também foi implantado o Curso Técnico Agrícola de 2º grau.

A denominação de Colégio Agrícola Estadual Augusto Ribas ocorreu em 1963.

Economia Doméstica Rural foi um curso ofertado em 1967, de acordo com nova grade curricular para este curso aprovada em 1967.

Técnico Florestal foi ofertado em 1969, formando sua 1ª turma em 1971.

O parecer 174/70, alterou a proposta curricular para os cursos Agrícola Florestal e Economia Doméstica, através dos processos 408, 409, 411, 412 e 413 de 1970, essas novas alterações passam a vigorar em 1971. Este curso vigorou até dezembro de 2002.

Em 14 de Maio de 1980, o Governador Ney Braga assinou a Lei n.º 7.307, pela qual o Colégio Agrícola Estadual "Augusto Ribas" passou a ser administrado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.

O colégio agrícola no final do ano de 2017, é composto por 275 discentes. Sendo 101 no 1º ano, 95 no 2º ano e 79 no 3º ano. O questionário foi aplicado para 71 alunos e alunas em um universo de 196 discentes dos 1ºs e 2ºs anos.

5. Materiais e Métodos

Nesse trabalho foram utilizados um questionário respondido em novembro de 2017, onde consta três perguntas para os discentes: a) O que você sente em relação a política pública de cotas para negros?; b) Você se sente prejudicado por essa política? Por que?; c) Você tem alguma dúvida sobre o tema cotas? Quais?

Os dados tabulados foram sistematizados em forma de gráfico com suas respectivas análises.

6. Sistematização

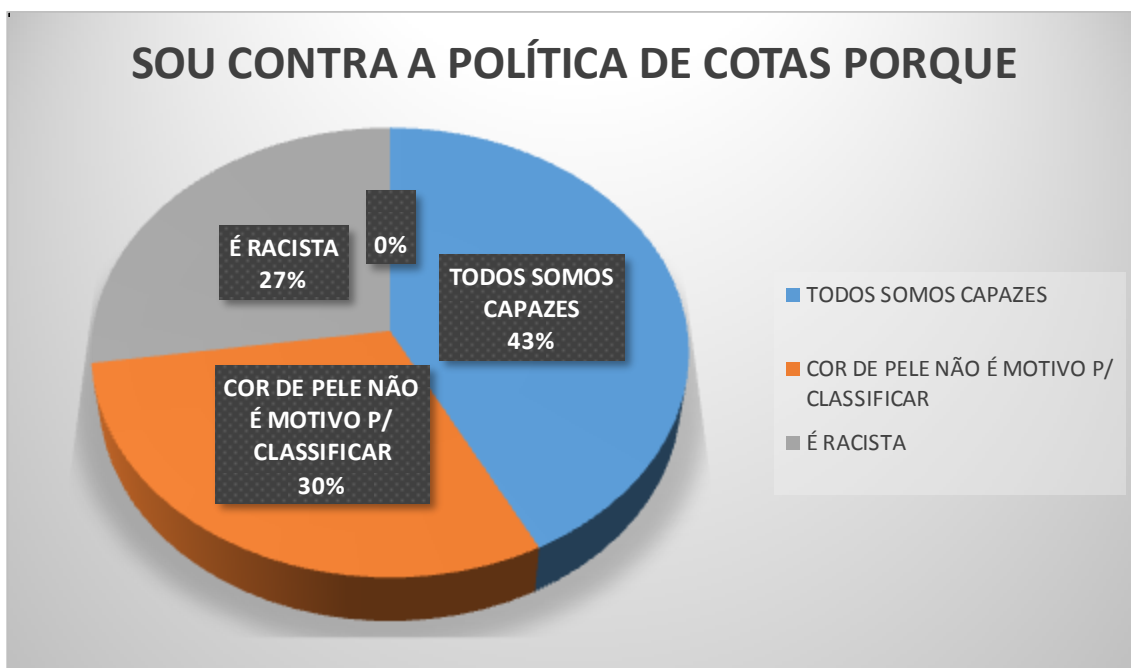
A primeira questão do questionário foi sobre a posição pessoal sobre a questão das cotas nas universidades. Qual o posicionamento. Os contra as cotas foram a maioria, mas a soma dos indiferentes e a favor das cotas foi maior. O resultado da pesquisa entre os alunos

não se igualou ao resultado de uma pesquisa do IBOPE (2013). Os que são a favor das cotas ficou bem abaixo do resultado nacional. Os resultados dos que são contra ficou mais ou menos igual a pesquisa nacional.



Em seguida é pedido a explicação da resposta anterior dos que são contra as cotas. 27% inverte o conceito de racismo, afirmando que cotas para negros são racistas em relação a outras etnias. A meritocracia é a resposta para 43% dos pesquisados. Para 30% cor de pele não é motivo para ter vaga na universidade. Mais da metade dos pesquisados podem se enquadrar na opinião de que cota por cor é racismo estatal. Para o restante, 43%, a capacidade está na pessoa, ela é capaz de tudo. Você consegue se tiver força de vontade. Os motivos elencados por alunos e alunas são os mesmos do Camargo (2009) citando o sociólogo Bernardo Lewgoy:

Cotas raciais geram preconceito contra pessoas decentes de todas as origens, que gostariam de ser julgadas pelo seu mérito e não pela cor da sua pele. Elas incentivam um clima sem fim de suspeitas de que o aluno negro – cotista ou não – não é competente nem como estudante e nem o será como futuro profissional. Você faria uma cirurgia com um médico cotista? ... Cotas raciais recuperam a ideia, refutada por toda a ciência moderna, de que a humanidade se divide em “raças”, oficializando aquilo que se quer combater.



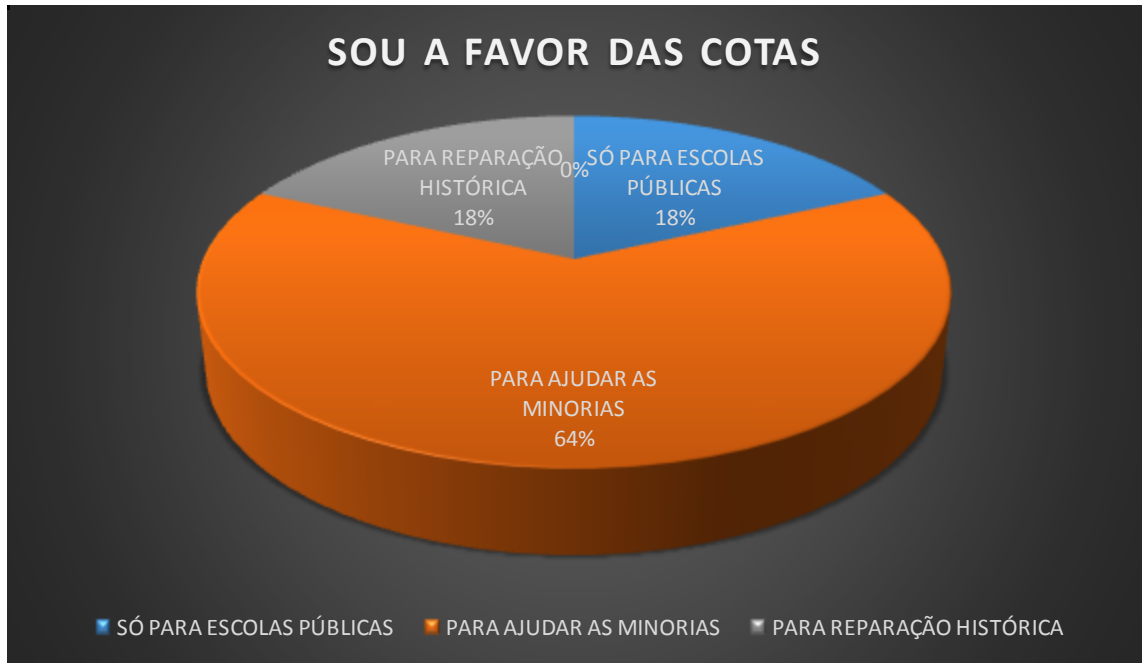
18% dos alunos e alunas só são favoráveis as cotas para escolas públicas. Os mesmos são contra as cotas para negros. 18% são favoráveis a reparação histórica do que aconteceu com os negros. 64% são favoráveis as cotas para outros seguimentos da sociedade, menos as cotas para negros. Mesmo os que são a favor das cotas fazem a ressalva de que as cotas deveriam ser para todos, mas não deveriam ser só para negros. Os 18% que acham que as cotas são uma reparação do estado são da mesma opinião de Buglia (2012) que declara:

Penso que as cotas raciais são uma reparação aos fardos que os afrodescendentes carregam desde o fim da escravidão até os dias de hoje. Certa vez, escutei uma frase que, mesmo não sabendo quem foi o autor, me fez refletir. “As favelas de hoje são as senzalas de ontem”. Embora pareça apelativa demais, basta olhar ao seu redor e admitir que, no mínimo, faz muito sentido. A discrepância entre nossas etnias é tamanha que não se faz necessário mostrar os absurdos que estamos acostumados a ver. Eles estão aí, escancarados. Basta ter coragem de admitir. Quantas famílias negras são moradoras de condomínio de luxo? Certamente um percentual insignificante comparado às favelas. Alguns anos atrás, numa festa de réveillon que custava R\$200,00 por pessoa, entre bebidas e contagem regressiva, me saltou aos olhos uma cruel constatação. A predominância esmagadora do branco não se fazia apenas nas roupas. Dos quase 250 presentes, notei apenas dois negros. Ambos trabalhando de garçom.

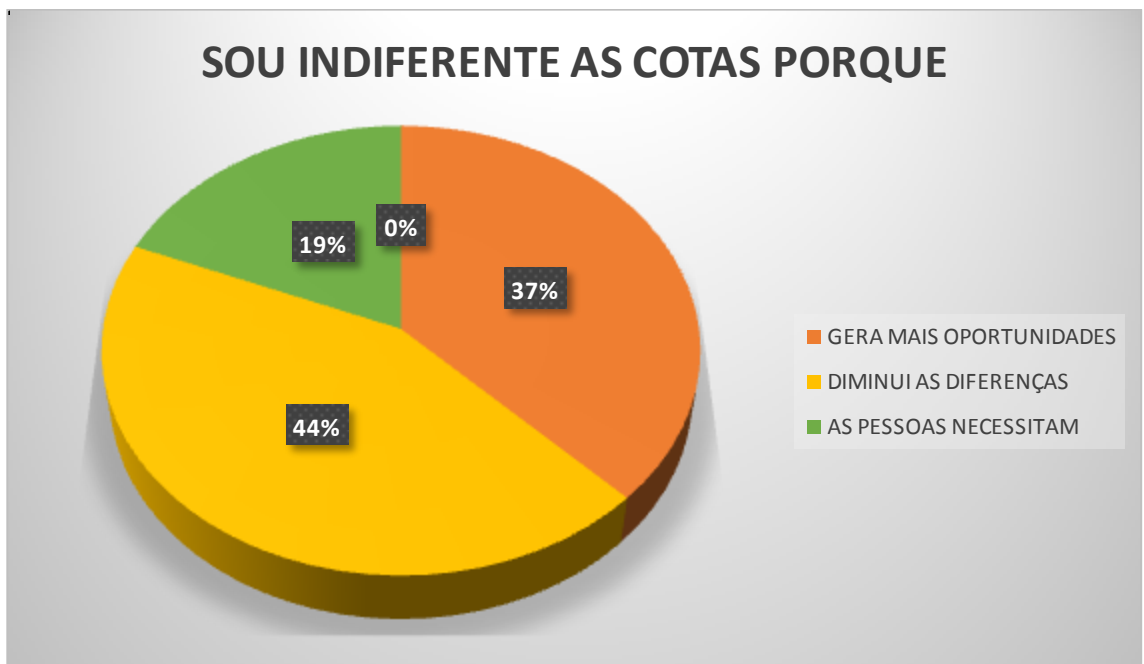
Lisboa (2015) analisando os dados do IBGE de 2014:

A população que se identifica como preta ou parda cresceu entre a parcela 1% mais rica da população brasileira. Mesmo assim, segundo dados divulgados hoje (4) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na Síntese de Indicadores Sociais, eles representam apenas 17,4% do total da parcela mais rica do país. Mais de 79% são de pessoas brancas. Em 2004, havia 12,4% de negros e

85,7% de brancos nesse grupo, que é formado por pessoas que moram em domicílios cuja renda média é de R\$ 11,6 mil por habitante.



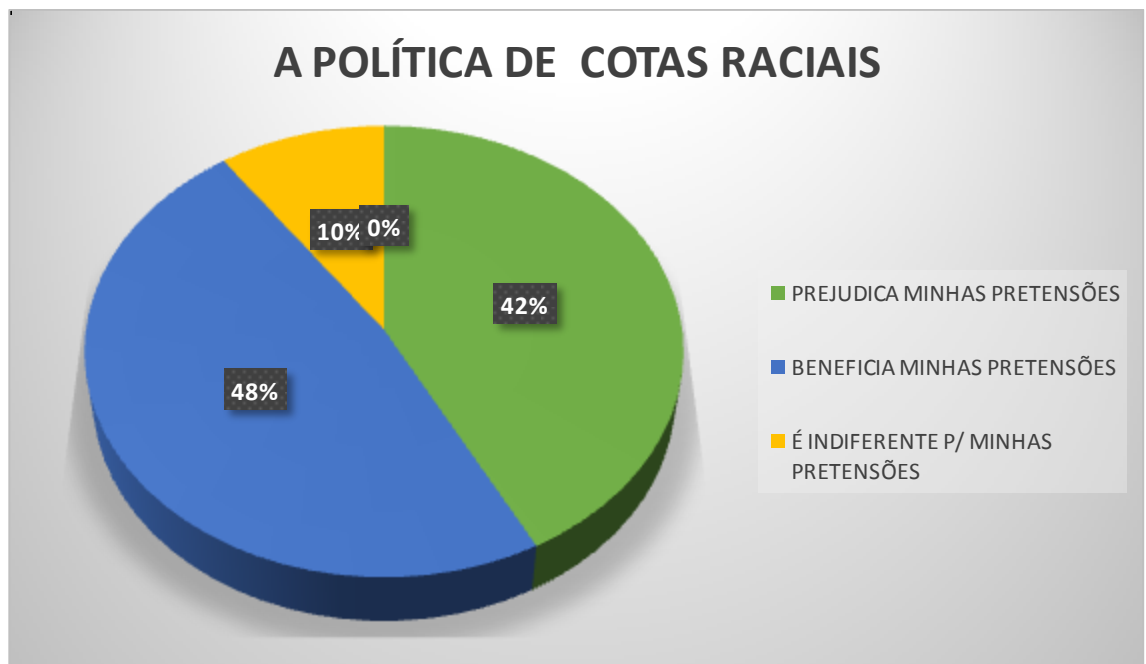
A menor parcela dos estudantes respondeu que são indiferentes as cotas porque elas podem melhorar a vida das pessoas como também irá diminuir as diferenças entre elas.



As cotas raciais beneficiam ou prejudicam suas pretensões? 42% responderam que prejudicam. Isso é explicado porque 66% dos alunos e alunas se declararam brancos e estudaram em escolas particulares. 48% estão em seguimentos sociais que poderão requerer cotas. 10% responderam que são autossuficientes para passar no vestibular. Segundo Constantino (2017) citando uma fonte de jornal onde o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, quer rever a lei das cotas raciais. Para ele as cotas prejudicam os brancos pobres:

Na melhor das hipóteses, as cotas raciais beneficiam as elites negras, não os mais pobres, e à custa dos pobres brancos. O jornal afirma que populações negra, latina e indígena tiveram mais acesso, mas aumentaram as vagas totais ou eles entraram no lugar de pobres brancos? Se é jogo de soma zero, por vagas finitas, então um precisa sair para o outro entrar, um deve perder para o outro ganhar, não? Elementar. O que Trump quer é investigar justamente isso: houve uma política de discriminação contra brancos, por serem brancos, para favorecer negros? Isso não seria racismo reverso, indo contra o que o próprio Martin Luther King desejava, com uma nação que julgassem com base no mérito, não na cor da pele?

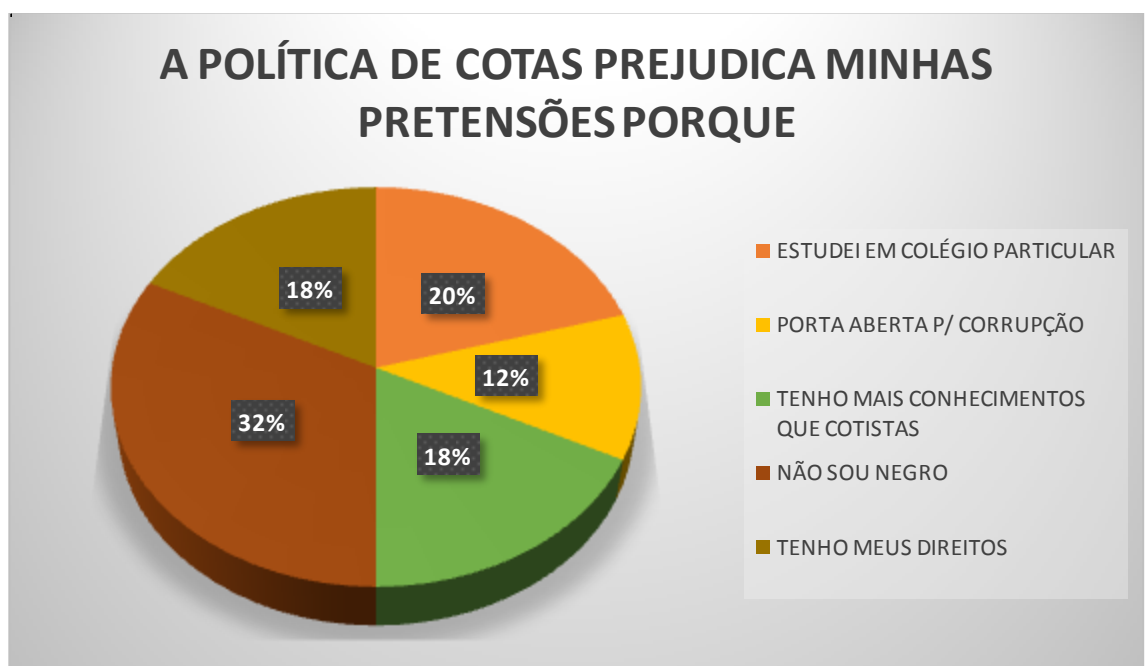
Constantino é adepto da meritocracia⁵, por isso defende que todos devem entrar na universidade não pela cor da pele, mas pelo seu próprio esforço.



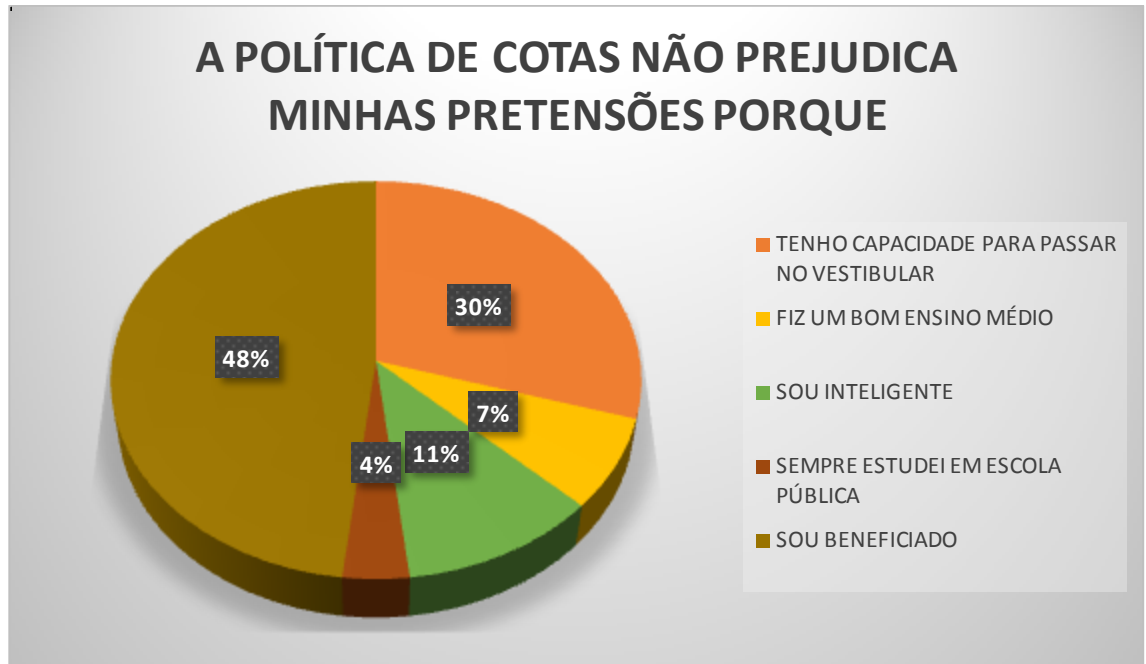
⁵ Modelo de distribuição de recursos, prêmios ou vantagens, cujo critério único a ser considerado é o desempenho e as aptidões individuais de cada pessoa. Como uma das ideias que fundamenta moralmente o liberalismo, a meritocracia é um princípio essencial de justiça nas sociedades ocidentais modernas. A partir dessa ideia é que se justifica e se legitima a forma como os recursos estão distribuídos na sociedade. Segundo essa tese, a mobilidade social deve ser um resultado exclusivo dos esforços individuais através da qualificação e do trabalho. Betoni (2014)

Dos 42% que declararam que as cotas os prejudicam, 20% estudaram em escolas particulares. Os que consideram que as cotas são uma porta para a corrupção são 12%. 18% afirmaram que tem mais conhecimentos que os cotistas, assim estão mais preparados que alunos que entram por cotas. 32% não são negros, se fossem entrariam por cotas. 18% afirmaram que as vagas nas universidades é um direito que lhes assistem.

Em 2012 quando o Supremo Tribunal Federal julgou o mérito da questão das cotas aconteceu manifestações contrárias. Em Brasília grupos de alunos das escolas particulares foram às ruas contra as cotas étnicas.



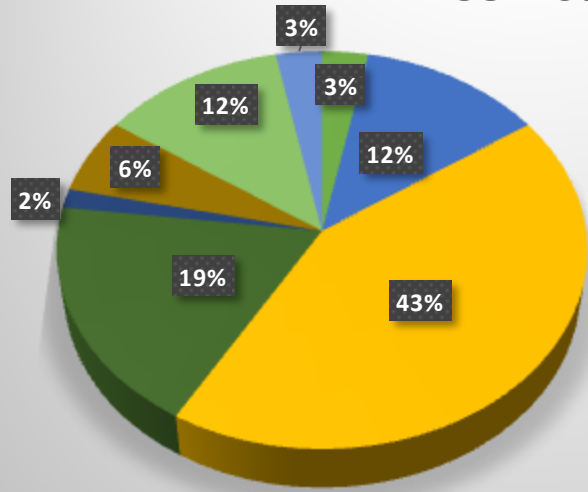
48% declararam que as cotas não os prejudicam. Isso acontece, segundo as respostas porque 30% são capazes de passar no vestibular sem necessidade de ajuda nenhuma. 7% declararam que os professores e professoras do Colégio Agrícola lhes deram base suficiente para passar no vestibular. 4% sempre estudaram em escolas públicas, as cotas os beneficiam. 48% afirmaram que são beneficiados pelas cotas, mas não especificaram qual benefício. A maioria dos alunos são beneficiados pelas cotas. Isso acontece porque os discentes do colégio em sua grande maioria são oriundos de escolas públicas não porque são negros.



Alunos e alunas foram enfáticos em responder a pergunta se são a favor ou contra as cotas. Na última pergunta isso se reflete onde 43% responderam que não há qualquer dúvida sobre as políticas governamentais das cotas. Para os outros 57% as dúvidas que apareceram foram:

- Os negros são discriminados por causa das cotas? Dúvida de 3%.
- Por que o Colégio Agrícola não aborda esse tema? 12% das perguntas.
- A dúvida de 19% é sobre os critérios de ser aceito por cota. A maioria dos alunos e alunas vieram de escolas públicas.
- 2% não conhecem as cotas que existem. Se juntam aos que acham que o colégio precisa abordar o tema na rotina da escola.
- 6% não aceitam as cotas de maneira nenhuma. Querem, se possível abolir essa lei.
- 12% querem tirar vantagens das cotas.
- 3% tem dúvidas se só a auto declaração de cor é suficiente para lhe garantir uma vaga na universidade.

QUAIS SUAS DÚVIDAS SOBRE POLÍTICAS DE COTAS?



- OS NEGROS SÃO DISCRIMINADOS POR CAUSA DAS COTAS?
- POR QUE O TEMA NÃO É ABORDADO NO COLÉGIO?
- NÃO TENHO DÚVIDAS
- QUAIS SÃO OS CRITÉRIOS P/ SER COTISTA?
- QUE COTAS EXISTEM?
- COMO PODEMOS ACABAR COM AS COTAS?
- QUE VANTAGENS AS COTAS PROPORCIONAM?
- POSSO ME AUTODECLARAR O QUE QUISER?

7. Conclusão

Pessoas brancas muitas vezes acreditam que a educação multicultural / antirracista só é necessária para aqueles que interagem com “minorias” ou em “diversos” ambientes. Se sentem seguras em qualquer espaço. Julgam que o espaço cultural, midiático, político, educacional lhes pertencem. Em todos os espaços sociais os brancos são privilegiados. Mas quando algo muda nesse jogo se sentem fragilizadas. Qualquer peça dentro desse espaço social que se mova faz com que elas muitas vezes respondam com violência. Essa violência pode ser explícita ou velada. Nesse contexto explode o racismo em todas as esferas. A escritora Robim Diangelo descreve esse medo e a resposta a ele como Fragilidade Branca. Para confirmar esse fato fizemos uma pesquisa num pequeno universo de alunos e alunas de um colégio de ensino profissional da cidade de Ponta Grossa – Paraná. O colégio agrícola no final do ano de 2017, era composto por 275 discentes. Sendo 101 no 1º ano, 95 no 2º ano e 79 no 3º ano. O questionário foi aplicado para 71 alunos e alunas em um universo de 196 discentes dos 1ºs e 2ºs anos. Com esse trabalho pretende-se abrir o debate sobre o racismo que há contra os negros entre os discentes no Colégio Estadual Agrícola Augusto Ribas em Ponta Grossa. Os porquês da fragilidade dos alunos e alunas não negras contra as cotas das universidades a etnia negra. Após os dados tabulados dos questionários aplicados aos alunos e alunas foram encontrados dados que confirmam a tese de Diangelo: há no Colégio Agrícola uma resistência, um medo de se perder espaço dos brancos para os negros. Há a Fragilidade Branca entre os alunos e as alunas do colégio. O medo deles ainda não se reflete em violência física observada. O medo fica circunspecto a perda de vagas das universidades para a política de cotas raciais. O diagnóstico aqui levantado permitirá que todos e todas que fazem parte do Colégio Agrícola poderão trabalhar com políticas específicas contra as pregações de cunho racistas entre os discentes. Outro ponto que poderá ser abordado será a introdução de estudos sobre racismo nas turmas de filosofia dos primeiros anos como também construir debates com o livro Reflexões Sobre o Racismo de Jean Paul Sartre com as turmas de primeiros anos. Propor políticas no Plano Político Pedagógico (PPP) da escola contra o racismo. Sensibilizar discentes e docentes sobre o problema racismo através de filmes, palestras e projetos. Fazer com que o debate sobre racismo seja internalizado nos docentes para que o tema seja interdisciplinar. Transformar o dia 20 de novembro num debate sobre os problemas que a etnia negra sofre no Brasil e não um dia do folclore africano. E por fim debater com a gestão escolar, cotas para os negros no teste seletivo anual do colégio.

Referências

62% dos brasileiros são favoráveis às cotas em universidades públicas. 2013. IBOPE. Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/62-dos-brasileiros-sao-favoraveis-as-cotas-em-universidades-publicas.aspx>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

ALUNOS de escolas particulares fazem protesto no DF contra 'cotas sociais'. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2012/08/alunos-de-escolas-particulares-fazem-protesto-no-df-contras-cotas-sociais.html>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

BERND, Zilá. **Racismo e anti-racismo**. 4. ed. São Paulo: Moderna, 1994. 64 p. Coleção Polêmica.

BETONI, Camila. **Meritocracia**. 2014. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/politica/meritocracia/>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BUGLIA, Fernando. **Por que sou a favor das cotas sociais e raciais**. 2012. Disponível em: <<https://www.infoenem.com.br/por-que-sou-a-favor-das-cotas-sociais-e-raciais/>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

CAMARGO, Cristina. **Dez motivos para ser contra as cotas raciais**. 2009. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/blog/instituto-millennium/dez-motivos-para-ser-contras-cotas-raciais/>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. 6. ed. São Paulo: Selo Negro, 2001. 216 p.

_____. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2017. 112 p.

CONSTANTINO, Rodrigo. **TRUMP QUER INVESTIGAR SE COTAS RACIAIS PREJUDICAM BRANCOS**. 2017. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/trump-quer-investigar-se-cotas-raciais-prejudicam-brancos/>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

DIANGELO, Robin. **White Fragility**. 2017. Disponível em: <[file:///D:/Desktop/Pesquisa em filosofia na sala de aula/249-665-1-PB \(1\).pdf](file:///D:/Desktop/Pesquisa%20em%20filosofia%20na%20sala%20de%20aula/249-665-1-PB%20(1).pdf)>. Acesso em: 25 nov. 2017.

DUARTE, Leopoldo. **SOBRE ESSA MANIA CHATA QUE AS PESSOAS NEGRAS TEM DE SE VITIMIZAR**. 2015. Revista Forum. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2015/03/24/sobre-essa-mania-chata-que-pessoas-negras-tem-de-se-vitimizar/>>. Acesso em: 01 abr. 2018.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os ESTABELECIDOS E OS OUTSIDERS: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. 230 p. Vera Ribeiro; Pedro Sussekind.

GONÇALVES, Ana Maria. **O QUE A POLÊMICA SOBRE O FILME “VAZANTE” NOS ENSINA SOBRE FRAGILIDADE BRANCA.** 2017. Disponível em: <<https://theintercept.com/2017/11/16/o-que-a-polemica-sobre-o-filme-vazante-nos-ensina-sobre-fragilidade-branca/>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

LISBOA, Vinícius. **Mesmo com maior participação, negros ainda são 17,4% no grupo dos mais ricos.** 2015. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-12/negros-aumentam-participacao-entre-os-1-mais-ricos-no-brasil>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

MEDINA, Vilma. **A importância do exemplo dos pais e dos irmãos mais velhos na educação da criança:** As crianças imitam aos pais e aos irmãos mais velhos. 2017. Disponível em: <<https://br.guiainfantil.com/materias/educacao/comportamentoa-importancia-do-exemplo-dos-pais-e-dos-irmaos-mais-velhos-na-educacao-da-crianca/>>. Acesso em: 01 abr. 2018.

MOTA, Urariano. **O filme Vazante e a escravidão.** 2017. Geledés - Instituto da Mulher Negra. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-filme-vazante-e-escravidao/?gclid=EAiaIQobChMI3o6pma2gIVioORCh0R3gcrEAAYASAAEgLbmvD_BwE>. Acesso em: 01 abr. 2018.

ROUSSEFF, Dilma; THEODORO, Mário Lisbôa. **LEI Nº 12.519, DE 10 DE NOVEMBRO DE 2011.:** Institui o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra. 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/L12519.htm>. Acesso em: 03 dez. 2017.

RUFFATO, Luiz (Org.). **Questão de pele:** Contos sobre preconceito racial. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009. 236 p.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é Racismo.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980. 84 p. Coleção Primeiros Passos.

SARTRE, Jean Paul. **Reflexões Sobre o Racismo.** 4. ed. São Paulo: Difel, 1965. 129 p.

VAZANTE. Direção de Daniela Thomas. Produção de Beto Amaral. Realização de Dezenove Som e Imagem; Globo Filmes; Ukbar Filmes;. Coordenação de Daniela Thomas. Intérpretes: Adriano Carvalho, Luana Nastas, Sandra Corvelone, Roberto Audio, Juliana Carneiro da Cunha, Vinicius dos Anjos, Fabrício Boliveira, Maria Helena Dias. Roteiro: Daniela Thomas, Beto Amaral. Vazante - Minas Gerais: Europa Filmes, 2016. Scope, son., P&B.

WIKIPÉDIA. **Proxeneta.** 2018. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Proxeneta>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

